

Estamos a preparar jovens para um mundo que já não existe

written by Paulo Moreira | 8 de Maio, 2026

OCIDADÃO
Journalism Live

OPINIÃO
Paulo Moreira



Disseram-nos que havia um caminho. Estudar, tirar boas notas, entrar na universidade, arranjar um bom emprego. Durante décadas, esta narrativa funcionou como um contrato silencioso: faz a tua parte e o futuro tratará do resto. O problema é que o contrato não foi oficialmente cancelado, apenas deixou de ser cumprido.

Hoje, continuamos a empurrar jovens para esse guião, mesmo quando os resultados já não são garantidos. E, talvez mais surpreendente, começamos também a vendê-lo a quem já está a meio da vida: adultos com mais de 40 anos, com

filhos,
responsabilidades financeiras, rotinas estabelecidas, a quem se diz que “voltar a estudar” pode ser a chave para recomeçar.

A questão é simples, mas desconfortável: será mesmo?
A escola continua a preparar para um mundo previsível que já não existe. Ensina a seguir regras, a memorizar conteúdos, a cumprir etapas. Mas a vida real, tanto para quem tem 20 como para quem tem 45, exige outra coisa, capacidade de adaptação, leitura de contexto, tomada de decisão sob incerteza. Competências que raramente aparecem num currículo formal.

Ao mesmo tempo, o peso das expectativas não desaparece com a idade, transforma-se. Se antes era *“tens de ser alguém”*, mais tarde passa a ser *“ainda vais a tempo de mudar”*. A pressão mantém-se, apenas muda de forma. E com ela vem uma nova promessa: a de que investir numa licenciatura pode abrir portas, desbloquear carreiras, corrigir trajetórias. Mas esta promessa merece ser questionada.

Para um adulto com mais de 40 anos, tirar uma licenciatura não é apenas uma decisão académica, é uma decisão estrutural. Implica tempo que deixa de existir para a família, energia que já está dividida, e muitas vezes um custo financeiro significativo. E tudo isto sem garantia clara de retorno.

O mercado de trabalho não é neutro em relação à idade. Em muitos setores, a experiência conta, mas a idade também pesa. Recomeçar do zero,

competir com recém

licenciados, entrar em áreas onde a progressão é lenta, pode significar anos de

instabilidade. E há uma realidade difícil de ignorar: um diploma não anula o risco.

Isto não significa que não valha a pena. Em alguns casos, pode ser transformador.

Profissões regulamentadas, mudanças de carreira bem pensadas, objetivos concretos,

nesses cenários, a formação formal pode ser uma ferramenta poderosa. Mas esses

casos são específicos. O problema é tratar exceções como regra.

Há uma ideia confortável, quase inspiradora, de que "*nunca é tarde para recomeçar*". E,

em teoria, é verdade. Mas na prática, recomeçar tem custos. E ignorá-los não é

motivação, é desonestidade.

Num mundo em constante mudança, talvez a questão já não seja apenas "*vale a pena*

ir para a universidade?", mas "*para quê, exatamente?*". O valor de uma licenciatura

deixou de ser universal. Tornou-se contextual, estratégico, dependente de objetivos

claros e realistas.

Para muitos adultos, outras formas de aprendizagem podem fazer mais sentido:

formações mais curtas, competências práticas, reconversões focadas. Caminhos

menos lineares, menos prestigiados, mas, muitas vezes, mais eficazes.

O verdadeiro problema não está em estudar, nem em querer mudar de vida. Está em

continuar a vender a universidade como solução padrão para problemas que são, na

sua essência, mais complexos. Está em aplicar o mesmo guião a realidades completamente diferentes.

Talvez esteja na altura de aceitar que não há um único caminho, e que insistir nisso pode fazer mais mal do que bem. Porque, no fim, o risco não é apenas escolher o percurso errado. É acreditar numa promessa que já não se cumpre, e descobrir isso tarde demais.